

## Fábulas, ou a fabulosa liberdade de contar histórias de Benedita Kendall

valter hugo mãe

### Urbanização

Tudo o que vivêramos  
um dia fundiu-se  
com o que estava  
a ser vivido.  
Não na memória  
mas no puro espaço  
dos cinco sentidos.  
Havíamos estado no mundo, raso,  
um campo vazio de tojo seco.

Depois, alguém  
urbanizou o vazio,  
e havia casas e habitantes  
sobre o tojo. E eu,  
que estivera sempre presente,  
vi a dupla configuração de um campo,  
ou a sós em silêncio  
ou narrando esse meu ver.

Fiama Hasse Pais Brandão, de *As Fábulas*

A primeira característica do trabalho de Benedita Kendall que me saltou aos olhos tem que ver com a narratividade das suas telas. É algo que ocorre de modo muito invulgar, no sentido em que, num mesmo quadro, a artista alude a diversas personagens que, em momentos e lugares distintos, mas sobretudo criados através de diferentes linguagens plásticas, participam numa mesma história, como se ao de cima viesse a capacidade de aprisionar o tempo num só instante, o antes e o depois, diante de nós sem mais complicação.

As telas de Benedita Kendall comportam-se como esse retrato impossível do que poderia ser só um sonho ou um pesadelo, exposto como num clarão, lembrado na sua natureza fragmentária e incoerente. As personagens compõem cada uma um estádio dessa história, que é uma história sobretudo emotiva – significa que se conta substancialmente o que intensifica sentimentos, mais do que a clareza das acções –, mas as personagens também apontam o permissivo do sonho, aquele princípio elementar de desobedecer e de tornar tudo possível. Neste aspecto, é fácil aceitar que todos os lugares e tempos se disponham numa só tela e, mais importante, é valioso perceber que

tecnicamente tudo se realiza de modo multidisciplinar, sendo possível aliar a figura de gesto largo com o desenho de gravura, mais o estilo banda desenhada com a pintura padronizada em jeito de antigo papel de parede ou serviço de louça. Assim, cada tela expõe uma certa transgressão de estilos que, pela sua composição inteligente, resulta num estilo outro, uma súpula que, ao mostrar uma história, mostra a versatilidade da autora.

A alusão permissiva, na esteira do que só um sonho ou pesadelo proporcionam, também justifica a naturalidade de um importante fabuloso nos tópicos da pintora. Assim, imaginamos os animais destes quadros como falantes, interventores, como actores de uma cena humanizada. A fábula, sem dúvida atirando-nos o pensamento para muito do universo infantil, é utilizada por Benedita de um modo muito claro, com esquilos e lobos, coelhos, cavalos e pássaros, cães e gente interagindo em seus planos suficientemente livres mas perfeitamente implicados. É mesmo curioso reparar que, em algumas telas, os fundos são pormenores de texturas orgânicas que mais sublinham a fábula. Desde pêlo, ao intrincado do tronco da árvore, as personagens vêm a história ser escrita nesse papel especial, como se escrita estivesse na pele, o que pode também querer referir que a história se passa na cabeça de um narrador denunciado, como se alguém ali a inventasse ou contasse.

A citação que Benedita faz aos contos infantis é apenas uma das muitas a que deita mão. O seu trabalho, até pelo recurso às diferentes linguagens plásticas, é muito criativo no que respeita à abertura de janelas que pretendem incorporar elementos preexistentes. A citação de Chagal é muito clara, mas também do estilo inglês do século dezanove, com as suas caçadas, ou dos super heróis norte-americanos e da mitologia greco-romana. Este não será mais do que um método para reforçar o corte impossível do tempo, na esteira de criar uma narratividade que, mais uma vez, se consegue pelo lado

da emotividade envolvida, mais do que pelo desenrolar factual. Cada figura, cada elemento, contribui com uma achega para a mensagem global, que pode transmitir sensações mistas de perigo e paz, partilha e predação, medo, amor, etc.

Nesta oscilação complementada de sentimentos ou mensagens, Benedita Kendall chega ao seu público num resultado apenas aparentemente simples, porque na verdade liga o aspecto delicado das suas telas com um latente instante de crise, manifestamente afastando de si o pendor ingénuo que o colorido e a componente fabulosa lhe poderiam atribuir. Na verdade, é bom não esquecer que as fábulas são feitas de águias que comem coelhos, e de esquilos que atravessam os rios em perigo, e de lobos que imaginam ferozes ataques aos visitantes do bosque. Com isto, sabemos que a artista nos conta o mais difícil pelo lado mais doce, como se nos obrigasse a lembrar de tanta coisa, mesclando todos os tempos, todas as personagens e todas as linguagens, para nos falar, mais de perto, dos homens e das suas histórias de agora e de sempre.